



Amostra

# eudisseia

Eduardo Alves da Costa



# Eudisseia

Copyright © 2025 STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.

Faria e Silva é uma Editora do Grupo Editorial Alta Books.

Copyright © 2025 Eduardo Alves da Costa

ISBN: 978-65-6025-242-4

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Editor Responsável: Rodrigo de Faria e Silva

Projeto gráfico miolo: Lucia M. Loeb

Revisão do autor

Capa: Faria e Silva Editora

Imagens do miolo: detalhes de ilustração de Frans Post, para o livro de Barleus, 1647

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

C837

Costa, Eduardo Alves da, 1936-  
Eudisseia / Eduardo Alves da Costa. – São Paulo : Faria e  
Silva Editora, 2025.  
448 p. ; 15 x 21 cm.

ISBN: 978-65-6025-242-4

1. Literatura brasileira – Poesia. 2. Poesia contemporânea. 3.  
Autoconhecimento na literatura. 4. Viagem na literatura. I.  
Título.

CDD: 861.6

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

**Marcas Registradas:** Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

**Material de apoio e erratas:** Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site [www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br) e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

**Suporte Técnico:** A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

  
**ALTA BOOKS**  
GRUPO EDITORIAL  
[www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br)

Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré  
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)  
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419  
[www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br) – [altabooks@altabooks.com.br](mailto:altabooks@altabooks.com.br)  
**Ouidoria:** [ouidoria@altabooks.com.br](mailto:ouidoria@altabooks.com.br)

Editora afiliada à:



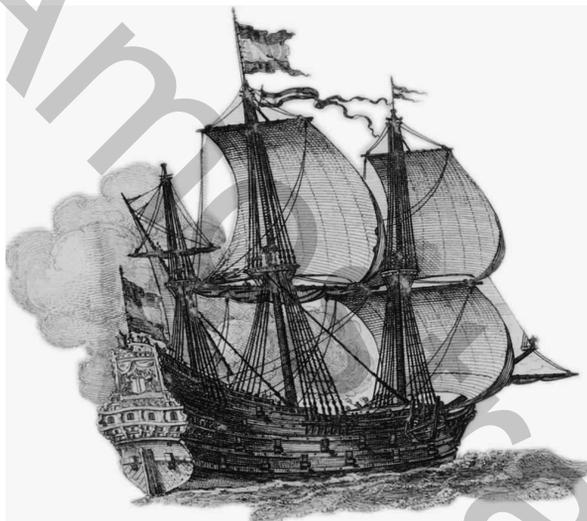
**alor**  
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA  
DE DIREITOS REPROGRÁFICOS

ASSOCIADO



# eudisseia

Eduardo Alves da Costa



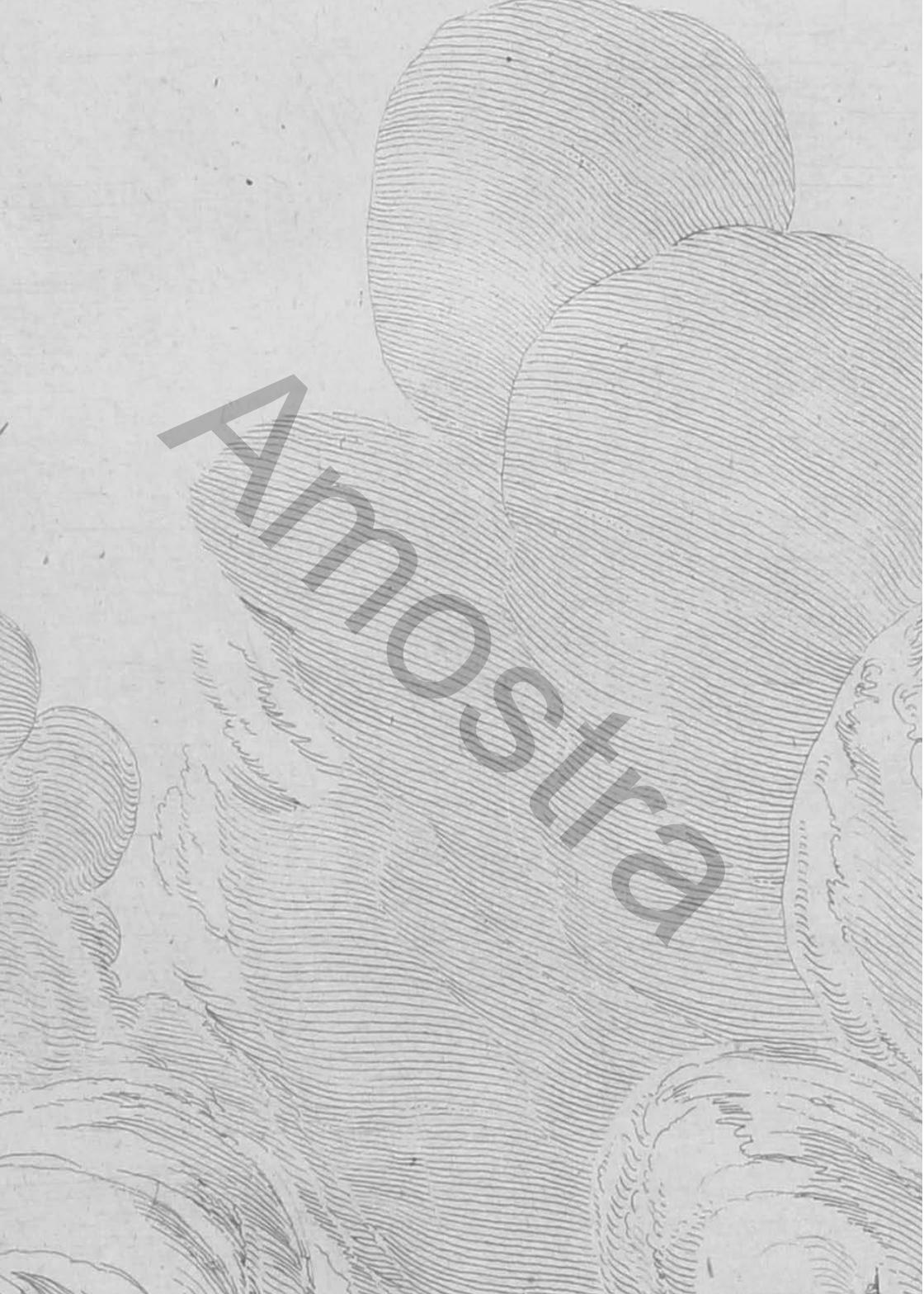
**FARIA SILVA**  
EDITORA

Amostra

Amostra

Aos meus familiares e amigos.  
A todos que, em algum momento,  
estiveram comigo nessa travessia.

Amos 7



*“O voi ch’aveti li’intelletti sani,  
Mirate la dottrina che s’asconde  
Sotto’l velame de li versi strani”*

Dante Alighieri

*“Emissário de um rei desconhecido,  
Eu cumpro informes instruções de além...”*

Fernando Pessoa

*“Os poetas modernos colocam  
muita água em sua tinta.”*

Goethe

*“O vento sopra onde quer e ouves sua voz,  
porém não sabes de onde vem nem para onde  
vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito.”*

João 3:8

*“No somos nada. Estamos de transito”.*

Ditado argentino

Amostra

# I

Deu-se o caso de viver eu  
em desprezível pensão de raso  
nível, decrépita senhora,  
mansão outrora, em meio  
a decadente vizinhança,  
embora silente, por respeito  
a conhecido centro espírita  
gerado no seio do antigo casario.

E talvez por desvario de um  
médium noviço, ou em decorrência  
do *tedium vitae* provocado pela  
constante convivência de tal centro  
com a morte, coube-me por sorte  
ver diante de mim, em versão  
infante, rejuvenescido e fresco,  
o Poeta Homero. Assim se apresentou  
ao chegar e nada me custou  
nele acreditar.

Cego não era, como ao tempo em que  
andava entre os helenos, na chamada  
fase oral, quando seus versos, menos  
difundidos, ainda não podiam ser  
lidos mundo a fora, como agora.  
Nem óculos levava sobre o nariz,  
ligeiramente adunco; e seus cabelos,

a barba – da tonalidade do junco –,  
sua feição rude e dura, em  
decorrência da idade, mais  
pareciam talhados em pedra  
a lembrar o frescor de recente escultura.

Admirado fiquei, não só por  
se apresentar ele em sua total  
integridade, após séculos e séculos  
a viver na Eternidade, mas também  
por falar Português paulistano,  
o que transgride todos os convênios  
da tradição mortuária.

Que um italiano, como Virgílio, converse  
com o grego Ulisses, na *Commedia*  
sem que Dante nisto veja qualquer  
impedimento ou mesmo se preocupe  
em nos fazer saber como tal ocorre,  
não nos causa espanto, pois quem  
falece logo esquece o idioma pátrio  
e passa a falar, no Além, uma espécie  
de Esperanto, válido apenas para  
comunicação entre as almas dos mortos,  
por se encontrarem absortos na mesma  
etérea matéria. Mas no presente  
caso nada há de análogo, pois  
o diálogo se dá entre a alma de um  
falecido e um vivente, o que invalida  
o tal Esperanto como via de contato.

Eliminei logo a hipótese  
de impostura e creditei o aparente milagre  
ao fabuloso universo da Literatura.

Para ser sincero, pareceu-me  
estranho – sem qualquer empecilho,  
convênio ou embaraço – ver  
tamanho gênio literário pojar  
o fundilho em meu terraço;  
e um tanto humilhante, por certo,  
a icônica cena: Eu, um pobre  
Saara, ante a imponência  
da Floresta Amazônica; um cisco  
de orégano mofado, esmagado pela  
mais succulenta azeitona da Cultura  
Grega. Ele um Orfeu, nascido  
de Calíope, e eu apenas uma sombra  
míope, a purgar minhas penas  
neste labirinto em que se derrama  
o suor de Sísifo, a empurrar,  
vida acima, a pedra  
da humana insensatez.

Tomado fui, na verdade, pela mesma  
reverência que teve Dante ao deparar  
Virgílio na dura contingência  
de se encontrar na selva tenebrosa.  
Semelhante idílio pressenti  
que naquele instante nascia –  
apesar da embaraçosa circunstância

e da já mencionada dissimetria –  
entre duas almas tocadas  
pela chama da Poesia.

Ante meu constrangido silêncio  
e o desenho de meu rosto compungido  
indaga o Poeta qual a razão  
de minha angústia, aliás nada  
discreta. Vítima sou – respondo –  
dessa erva daninha que secreta  
ao meu redor uma gosma  
danada, um visgo  
concupiscente, a provocar em toda  
gente uma secura da alma, uma  
ingente sede de bens materiais,  
valores menores, irrealis,  
brinco infantil a soprar  
bolhas no sabão da ilusão.

Há murmúrios nos salões  
e em êxtase palpitam corações,  
ao passo que meu corpo em estase  
jaz sepultado em vida ao ver  
consumida a Luz, acossada  
pelos cães, matilha ensandecida ante  
o ingente sangrar do poente,  
em que, sem o sentir, dessangra toda gente.

Ri o Poeta e a um gesto seu  
soa em meu peito uma gaita

sutis vibrações. Será tuberculose,  
overdose de sensações? – penso eu –  
ou apenas o desespero a ecoar  
no vazio, um rufar de asas  
em direção ao abismo, à vertente  
de minha mente que, de repente,  
zoa, zune, zabumbo e se debate,  
tentando ficar numa boa  
enquanto a gaita soa.

Isto, na verdade, são sintomas  
da Terceira Idade – diria a mocidade – ,  
ressequidos rizomas cerebrais  
em frenesi galopante. Não é gaita,  
são zumbidos nos ouvidos,  
rompante de egocentrismo  
que nos velhos é já truísmo.

Sorriso. Que nos resta, a nós, que pela fresta  
antevemos o ocaso, senão fazer pouco  
caso de quem nos apequena  
o porte antes mesmo de adentrarmos  
na antecâmara da morte?

Ecoa o *blues* e eu na rede, a sorver  
este som, para matar a sede.

E assim, cansado e um tanto  
apaziguado, relaxo e gozo a paisagem,  
na verdade uma desconjuntada